

RUBEM BRAGA

Os Homens Práticos

NUMA entrevista que me deu, e que só vai sair daqui a uns 15 dias no «Mundo Ilustrado», Augusto Ruschi falou de um beija-flor que ele capturou, outro dia, no Espírito Santo, e que não existia antes em nosso Estado, só na Bahia e no Nordeste. Um bichinho lindo, com a cabeça vermelha e verde.

Mas Ruschi me avisou que a presença daquele beija-flor no Espírito Santo era mau sinal: o *Chrysolampis mosquitus* é um morador de caatingas, de zonas semi-áridas. Isso quer dizer que o sertão, com sua seca, está descendo até o sul do Rio Doce...

O grande naturalista capixaba fez, há pouco, em Vitória, uma conferência em que revelou que o Espírito Santo possuía em 1926 cerca de 25 mil km² de florestas virgens; em 1954, apenas 2 mil... É o progresso, naturalmente. Mas esse progresso imediato tem sido feito sem qualquer pensamento no futuro. Estamos destruindo nossas riquezas a curto prazo e criando o deserto. Fala-se em reflorestamento, Ruschi sorri: «um hectare reflorestado custa 20 mil cruzeiros ao fim de cinco anos, enquanto ainda os Estados possuem matas para serem vendidas a 60 cruzeiros o hectare...».

Alguma coisa o naturalista conseguiu, foi a criação de reservas florestais com todos os tipos de floras do Espírito Santo. Ficaremos, pelo menos, com uma lembrança de nossa terra como ela foi. Um dia ainda plantaremos peroba para cortar 50 anos depois, ou jacarandá para ser aproveitado dentro de um século; na Finlândia um pinheiro só pode ser abatido aos 130 anos, e o finlandês continua a plantar pinheiros.

O pior é que em muitos casos a criação do deserto é irreversível; a terra morre, os rios secam. Ruschi conhece os rios do Espírito Santo, e eu também. O meu Itapemirim deixou que um navio do Lóide fôsse até Cachoeiro para a inauguração da fábrica de cimento; Pedro II subiu em barco do Santa Maria da Vitória até Cachoeiro de Santa Leopoldina, hoje esse rio é pouco menos que um córrego. Com o desflorestamento as chuvas tornam-se irregulares e a erosão entope os leitos dos rios. Entre Colatina e Aimorés, às margens do Rio Doce, onde eu vi há uns 25 anos a mais bela e majestosa das florestas, fui encontrar, há uns quatro anos atrás, uma espécie de caatinga esbranquiçada e melancólica.

Ruschi avisa que 200 espécies de nossa fauna e cerca de 300 de nossa flora já desapareceram para sempre. Milhares de outras estão em vias de extinção. É reagir agora ou nunca. Ele fundou, ambicioso, uma «Sociedade Brasileira de Proteção à Natureza», para funcionar em todos os municípios do Brasil. É um sonho. Os homens práticos não lhe dão nenhuma atenção; os homens práticos são os fabricantes de desertos...